



Sensus fidei, sinais dos tempos, sinodalidade: mediações da metodologia sinodal

Sensus fidei, Signs of the Times, Synodality: Mediations of the Synodal Methodology

Carlos Henrique Santos ^[a] 

Porto Alegre, RS, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Edimundo Almeida dos Santos ^[b] 

Porto Alegre, RS, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Eliara Marli Rosa ^[c] 

Porto Alegre, RS, Brasil

^[c] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

José Gleyer dos Santos Vanti ^[d] 

Porto Alegre, RS, Brasil

^[d] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Agemir Bavaresco ^[e] 

Porto Alegre, RS, Brasil

^[e] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Como citar: SANTOS, Carlos Henrique; ALMEIDA DOS SANTOS, Edimundo; ROSA, Eliara Marli; VANTI, José Gleyer dos Santos; BAVARESCO, Agemir. *Sensus fidei*, sinais dos tempos, sinodalidade: mediações da metodologia sinodal. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 18, e2633872, 2026. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.18.e2633872>

^[a] Autor. Mestrando do Programa de Pós-Graduação Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: educamais.henrique@gmail.com

^[b] Autor. Mestrando do Programa de Pós-Graduação Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: edi288@hotmail.com

^[c] Autora. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: eliara.marli@hotmail.com

^[d] Autor. Mestrando Programa de Pós-Graduação Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: jose.vanti@edu.pucrs.br

^[e] Autor. Doutor em Filosofia pela Universidade Paris 1, e-mail: abavaresco@pucrs.br

Resumo

O artigo apresenta os resultados de um seminário intensivo em Teologia cujo tema foi a articulação entre *sensus fidei*, sinais dos tempos e sinodalidade, em diálogo com a chave de leitura da *Evangelii Gaudium* e com o princípio *advaita* de Raimon Panikkar. O problema que orienta a reflexão pergunta de que modo a experiência de fé do povo de Deus, lida à luz dos sinais históricos, pode tornar-se critério epistêmico e caminho prático para uma Igreja sinodal em saída. O objetivo é explicitar esse método teológico-pastoral interdisciplinar, indicando suas mediações eclesiais e sociais. Os principais referenciais são o documento *O sensus fidei na vida da Igreja*, a *Gaudium et Spes*, a *Evangelii Gaudium*, o Documento Final do Sínodo sobre a sinodalidade e a teologia cosmoandrica de Panikkar. Metodologicamente, o artigo combina a leitura desses textos com a prática de um micro-sínodo em sala de aula, a releitura do ver-discernir-agir à luz da pobreza estrutural e a análise de um laboratório pastoral: o processo das Santas Missões Populares na Arquidiocese de Feira de Santana. A exposição organiza-se em cinco itens: (1) *sensus fidei* como ponto de partida do método sinodal; (2) sinais dos tempos como lugar teológico; (3) sinodalidade como estrutura, processo e discernimento comunitário; (4) princípios metodológicos da *Evangelii Gaudium*; (5) princípio *advaita* como fundamento ontológico do método. Como resultado, mostra-se que a experiência formativa pode tornar-se espaço de pesquisa aplicada, em que teoria e prática se retroalimentam e a sinodalidade se afirma como método espiritual de conhecimento e de renovação pastoral.

Palavras-chave: *Sensus fidei*. Sinais dos tempos. Sinodalidade. *Evangelii Gaudium*. Raimon Panikkar. Metodologia pastoral.

Abstract

This article presents the results of an intensive Theology seminar whose theme was the articulation between sensus fidei, signs of the times and synodality, in dialogue with the interpretive key of Evangelii Gaudium and the advaita principle in Raimon Panikkar. The guiding question asks how the faith experience of the people of God, read in the light of historical signs, can become an epistemic criterion and a practical path for a synodal Church "going forth". The aim is to spell out this theological-pastoral method, indicating its ecclesial and social mediations. The main references are The Sensus fidei in the Life of the Church, Gaudium et Spes, Evangelii Gaudium, the Final Document of the Synod on synodality and Panikkar's cosmotheandric theology. Methodologically, the article combines reading of these texts with the practice of a micro-synod in the classroom, a rereading of the see-judge-act method from the perspective of structural poverty, and the analysis of a pastoral laboratory: the Popular Holy Missions in Feira de Santana. The exposition is organized into five sections: (1) sensus fidei as the starting point of the synodal method; (2) signs of the times as a theological locus; (3) synodality as structure, process and discernment; (4) the methodological principles of Evangelii Gaudium; (5) the advaita principle as ontological foundation of the method. The results show that a formative experience can become a space of applied research in which theory and practice mutually reinforce each other and synodality emerges as a spiritual method of knowledge and pastoral renewal.

Keywords: *Sensus fidei*. Signs of The Times. Synodality. *Evangelii Gaudium*. Raimon Panikkar. Pastoral Methodology.

Introdução

O presente artigo nasce de uma experiência concreta de ensino-aprendizagem realizada no Seminário Intensivo “Teologia e Interdisciplinaridade: *Sensus fidei*, Sinais dos Tempos, Sinodalidade: Mediações da Metodologia Sinodal”, oferecido no PPG em Teologia da PUCRS, em novembro de 2025. O texto resulta do trabalho coletivo dos quatro participantes da disciplina, elaborado a partir dos memoriais, dos debates em aula e das atividades práticas — com destaque para a vivência de uma “roda sinodal” (micro-sínodo) — e procura traduzir, em linguagem teológica e metodológica, o percurso compartilhado ao longo do seminário.

O objetivo central do artigo é explicitar como o tríplice eixo *sensus fidei* – *sinais dos tempos* – *sinodalidade*, em diálogo com a metodologia social e eclesial da *Evangelii Gaudium* e com o princípio *advaita* de Raimon Panikkar, pode configurar um método teológico-pastoral interdisciplinar capaz de orientar processos eclesiais de escuta, discernimento e decisão em contextos plurais e complexos. O problema de fundo pode ser formulado nestes termos: de que maneira a experiência de fé do povo de Deus, lida à luz dos sinais históricos e reinterpretada por meio de uma gramática teológica intercultural, pode tornar-se critério epistêmico e caminho prático para uma Igreja sinodal em saída?

Os referenciais teóricos e magisteriais que sustentam a reflexão são, sobretudo, o documento da Comissão Teológica Internacional *O sensus fidei na vida da Igreja* (2014), a constituição pastoral *Gaudium et Spes*, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Documento Final da segunda sessão do Sínodo 2024 sobre a sinodalidade, bem como a exortação *Dilexi te* sobre o amor aos pobres. A esses textos somam-se a elaboração teológico-metodológica de Agemir Bavaresco sobre *sensus fidei*, sinais dos tempos e sinodalidade, além da teologia da Trindade cosmoteândrica e do princípio *advaita* em Raimon Panikkar, que oferece o horizonte ontológico e espiritual de não-dualidade relacional entre Deus, mundo e ser humano.

Metodologicamente, o artigo valoriza a prática formativa do próprio seminário: parte da leitura prévia dos textos, passa pela elaboração diária de memoriais e pela discussão em sala, e ganha densidade na experiência de um micro-sínodo, no qual os conceitos estudados foram exercitados em forma de roda de escuta, discernimento e síntese comunitária. Esta articulação entre momento teórico, partilha de experiências e laboratoriais pastorais (Campanha da Fraternidade, Santas Missões Populares, coordenação pastoral arquidiocesana) constitui o fio condutor de todo o texto.

A estrutura do artigo segue os cinco eixos do seminário. Na primeira parte, mostra-se o *sensus fidei* como ponto de partida do método sinodal, ressaltando seu valor espiritual e epistêmico, ilustrado por um relato místico-existencial. Na segunda, abordam-se os *sinais dos tempos* como lugar teológico da Revelação, trabalhados mediante o método ver–discernir–agir aplicado à realidade brasileira da pobreza estrutural e às campanhas da Igreja. A terceira parte desenvolve a *sinodalidade* como estrutura e processo, articulando fundamentos e a prática da roda sinodal vivenciada em aula. A quarta explicita os quatro princípios metodológicos da *Evangelii Gaudium* (tempo–espaço, unidade–conflito, realidade–ideia, todo–partes) e sua tradução num laboratório pastoral concreto. Por fim, a quinta parte apresenta o princípio *advaita* e a Trindade cosmoteândrica em Panikkar como fundamento teológico-ontológico que ilumina, em profundidade, o método sinodal.

Como resultado, o artigo evidencia que a experiência de seminário pode tornar-se espaço privilegiado de pesquisa aplicada: nela, teoria e prática se retroalimentam, permitindo compreender o *sensus fidei* não apenas como conceito, mas como experiência partilhada; os sinais dos tempos, não apenas como categoria, mas como leitura engajada da realidade; a sinodalidade, não apenas como discurso, mas como exercício concreto de escuta e corresponsabilidade. A integração com a

metodologia social da *Evangelii Gaudium* e com o horizonte advaita de Panikkar mostra que a teologia, quando se abre ao diálogo interdisciplinar e à prática comunitária, encontra caminhos fecundos para repensar seus métodos à altura dos desafios contemporâneos.

1. O *sensus fidei* como ponto de partida do método sinodal

Este capítulo propõe refletir o *sensus fidei* como ponto de partida do método sinodal, compreendendo-o como a expressão viva da fé do povo de Deus, que, iluminado pelo Espírito Santo, participa ativamente no discernimento da verdade revelada. Mais do que um conceito teológico, o *sensus fidei* é uma dimensão existencial e comunitária da fé. Por meio dele, cada batizado, em comunhão com a Igreja, tem a capacidade de reconhecer, acolher e testemunhar o Evangelho ao longo da história.

Bavaresco (2025, p. 5) cita o *sensus fidei* como um “instinto espiritual”, uma disposição interior dada pelo Espírito Santo ao povo de Deus. O Documento da Comissão Teológica Internacional, *Sensus fidei na vida da Igreja* (2014 – de agora em diante abreviado SF), corrobora com essa ideia, reconhecendo que os fiéis, iluminados pelo Espírito Santo, têm a capacidade de discernir a verdade do Evangelho em unidade com toda a Igreja. Esse discernimento surge como um conhecimento espontâneo e intuitivo da fé (SF 49), algo mais profundo do que uma simples ideia teológica.

No contexto do processo sinodal contemporâneo, a escuta do povo fiel não se reduz a uma consulta pastoral. Ela é, de fato, um fundamento epistemológico e espiritual da sinodalidade. Esse processo revela o dinamismo do Espírito Santo, que age na consciência e na vida da comunidade eclesial. Nessa perspectiva, o método sinodal extrapola a simples coleta de opiniões, concentrando-se no discernimento comunitário orientado pelo Espírito Santo, o qual promove escuta mútua.

1.1 O caminho do discernimento

A sinodalidade, amplamente enfatizada no magistério atual, convoca a Igreja a aprofundar a comunhão e corresponsabilidade na missão e no discernimento da verdade revelada. Nesse horizonte, o *sensus fidei*, ou “sentido da fé”, torna-se o ponto de partida do método sinodal, pois expressa a ação do Espírito Santo na Igreja, enquanto vivência dinâmica e comunitária da fé. Como a Comissão Teológica Internacional afirma (2014, n. 3), o *sensus fidei* é a aptidão pessoal do crente, no seio da comunidade da Igreja, para discernir a verdade da fé.

Bavaresco (2025, p. 5-6) destaca que essa capacidade remonta ao “instinto da fé” descrito pelos Padres da Igreja, que possibilita ao povo de Deus reconhecer a verdade por meio da experiência vivida na comunidade. O *sensus fidei fidelium* se manifesta no consenso espiritual coletivo dos fiéis, influenciando diretamente a vida e a missão da Igreja. Esse consenso se expressa no discernimento eclesial, especialmente no recebimento da doutrina, na prática cristã e no diálogo fecundo com a Teologia, além de promover uma compreensão mais profunda da fé. Também é importante notar como o *sensus fidei* se abre ao diálogo ecumênico, contribuindo para um entendimento mais amplo do Evangelho (SF 84-86).

Esse discernimento não se limita ao campo doutrinal, mas é parte integrante da prática cristã e do processo eclesial de discernimento da verdade. Ele exige métodos que integrem a escuta comunitária, o discernimento espiritual e a recepção e acolhida da experiência dos fiéis, com um movimento dialético entre o magistério e a reflexão teológica. O conhecimento da verdade, portanto, é alcançado em comunhão com a Igreja, configurando-se simultaneamente como um caminho espiritual comunitário e um processo teológico (Bavaresco, 2025, p. 7-8).

1.2 A escuta como método sinodal

No processo sinodal, a escuta mútua (*conspirare*, “respirar juntos”) e o acolhimento (*receptio*, “acolher”) são etapas metodológicas essenciais. Elas estão alicerçadas numa “eclesiologia de comunhão”, na qual o “ensinamento não é unilateral” (Bavaresco, 2025, p. 7). A escuta, portanto, é uma prática ativa que acolhe a Palavra de Deus, atenta aos “sinais dos tempos” e às experiências espirituais vividas pela comunidade.

De acordo com Bavaresco (2025, p. 7), a teologia depende do *sensus fidelium* como *locus theologicus*. Os teólogos são chamados a escutar, interpretar e elaborar racionalmente o que o povo crê (*fides quae*) e como crê (*fides qua*). O Documento Final do Sínodo 2024 (n. 43) reforça essa ideia, afirmando que a espiritualidade sinodal nasce da ação do Espírito Santo, que exige escuta da Palavra de Deus, contemplação, silêncio e conversão do coração.

O valor metodológico do *sensus fidei* integra a escuta da vida do povo, a leitura dos sinais dos tempos e o discernimento colegial. O *consensus*, consenso eclesial emerge da interação entre a experiência vivida, a tradição recebida e o acompanhamento pastoral, exigindo um processo contínuo de escuta sinodal. Assim, o *sensus fidei* é reconhecido como o ponto de partida essencial do método sinodal.

1.3 O testemunho de José: uma experiência de relato sinodal

José (61 anos) compartilhou que, ao longo de sua vida, vivenciou diversas experiências místicas, sendo uma delas particularmente marcante. Em um episódio de grave engasgo, em que se viu à beira da morte, ele teve uma percepção intensa da presença de Nossa Senhora e de Jesus Cristo. Com profundo sentimento, pediu a graça de continuar vivendo, pensando especialmente em sua filha, que na época tinha apenas três anos.

Após esse evento, José sentiu a necessidade de compreender o significado espiritual de sua experiência. Em busca de respostas, procurou orientação na Igreja Católica, participando de um retiro espiritual de sete dias, onde descobriu que a presença que sentira era a de Nossa Senhora de Guadalupe. Durante o retiro, e em diálogos com sacerdotes e religiosos, ele recebeu orientações de fé e recomendações de oração. Embora reconhecesse o valor dessas práticas espirituais, José percebeu que, além da devoção, havia um desejo profundo de entender academicamente a natureza de suas vivências místicas, que transcendiam o campo da religiosidade.

Já aposentado e formado em Filosofia, José decidiu viajar, ainda em busca de respostas. Visitou países como México, Itália, Grécia, Índia, e outras regiões da Ásia, onde dedicou longos períodos à observação, meditação e reflexão pessoal. Nesse processo, foi desenvolvendo uma intuição a respeito da estrutura do real, que mais tarde identificou como próxima das concepções de Plotino. Curiosamente, essa intuição surgiu de maneira espontânea, sem que José tivesse feito leituras prévias de Plotino, o que transmite um caráter genuinamente experiencial e contemplativo à sua jornada.

Essa trajetória, que teve início com a busca espiritual e se expandiu para o domínio filosófico, ilustra de maneira profunda como o *sensus fidei* pode ser reconhecido e discernido em uma vida concreta. Ao longo dos anos, José tem se dedicado a compreender, de maneira mais profunda, o sentido de sua experiência. Mesmo atualmente, no curso de seu mestrado, continua buscando uma interpretação acadêmica do que viveu, mantendo um diálogo constante entre fé, razão e questões teológicas. Essa busca incessante reflete seu anseio de compreender não apenas o significado espiritual de sua jornada, mas também a maneira como ela se entrelaça com a reflexão filosófica e teológica a respeito do propósito da vida.

1.4 Valor metodológico e relevância no contexto sinodal

O testemunho de José exemplifica o valor metodológico do *sensus fidei* no processo sinodal. Bavaresco (2025, p. 10) afirma que “a verdade da fé é reconhecida também pela via da escuta espiritual do povo crente”. A intuição espiritual vivida em comunhão eclesial permite captar aquilo que está em conformidade com a Revelação divina. No entanto, essa intuição não é meramente subjetiva; ela faz parte do processo sinodal, funcionando como critério que se articula com o discernimento pastoral e teológico, formando uma tríade metodológica consistente e interdependente.

O relato de José mostra que o *sensus fidei* não se restringe à experiência individual. Quando compartilhado com a comunidade acadêmica, o *sensus fidei* se insere em um processo de discernimento mais amplo, que envolve a reflexão teológica, pessoal e comunitária. A experiência mística, embora pessoal, serve de ponto de partida para um diálogo mais profundo, que une fé, razão e a tradição viva da Igreja. Esse processo possibilita que a experiência individual se concretize na vivência comunitária da fé, estabelecendo uma ponte entre a subjetividade da experiência pessoal e a fé compartilhada em comunidade.

Bavaresco (2025, p. 9) destaca que “a escuta do povo de Deus, enraizada na unção batismal, é não apenas legítima, mas necessária para o discernimento eclesial”. Assim, o consenso eclesial e o consenso acadêmico se complementam, formando um diálogo enriquecedor que integra a comunidade acadêmica ao processo sinodal. A reflexão filosófica, como a de José com a filosofia de Plotino, revela como o *sensus fidei* se concretiza na vida real, sendo testemunhado tanto na Igreja quanto na academia.

José também ilustra o valor epistemológico do *sensus fidei*, que não se resume a uma adesão passiva à fé, mas sim a uma busca ativa pela verdade. Ele procurou esse discernimento por meio do diálogo entre fé, razão e sabedoria filosófica, guiado pelo Espírito Santo, e ao integrar reflexão acadêmica e experiência mística, buscou uma compreensão mais profunda da verdade revelada.

Como afirma Bavaresco (2025, p. 7), a teologia não nasce apenas da especulação sistemática, mas da fé vivida. Isso exige métodos que integrem dimensões indutivas, fenomenológicas e pastorais, sendo o *sensus fidei* o fundamento operativo da sinodalidade e o ponto de partida do método sinodal. Ele expressa a escuta do Espírito Santo, que fala nos corações dos fiéis e conduz a Igreja à verdade. A escuta do povo de Deus é, portanto, o primeiro passo do discernimento eclesial, no qual a fé vivida se transforma em critério de comunhão e orientação pastoral.

O estudo demonstrou que o discernimento comunitário, conforme Bavaresco (2025, p. 3), decorre da urgência de buscar respostas para os desafios contemporâneos que afetam a identidade e missão da Igreja. Esse discernimento integra tradição, escuta e comunhão, iluminados pela teologia, e se configura como o caminho sinodal, no qual a Igreja é conduzida pelo dinamismo do Espírito Santo.

Em síntese, a reflexão sobre o *sensus fidei* mostrou que o ponto de partida do método sinodal não é um esquema abstrato, mas a fé concreta do povo de Deus, discernida na escuta, na partilha de experiências — como a de José — e no diálogo crítico com a tradição teológica e o magistério. Nessa perspectiva, o *sensus fidei* aparece como “instinto espiritual” e critério epistemológico que impede tanto o subjetivismo quanto o clericalismo, pois vincula a busca da verdade à comunhão eclesial. A partir desse fundamento, o caminho sinodal exige agora dar um passo adiante: perguntar de que modo essa fé vivida se confronta com a realidade histórica, com as alegrias e sofrimentos do mundo, e como, nesse confronto, a Igreja reconhece a voz do Espírito que fala por meio da história. É nesse horizonte que se insere o próximo tópico, dedicado à categoria dos sinais dos tempos, entendida como mediação privilegiada para ler teologicamente a realidade e articular, com o *sensus fidei*, um verdadeiro discernimento comunitário.

2. Sinais dos tempos

A escuta do povo de Deus não pode ser um acessório ou meramente consultivo, sendo reconhecido como parte constitutiva da própria forma como a Igreja, conhece, discerne e age. Os sinais dos tempos se manifestam também não apenas nos ministros ordenados, como outrora muitos pensavam. A fé vivida na simplicidade de muitas de nossas comunidades expressa também o agir de Deus, seu ato revelador. Portanto é importante compreender que

A verdade da fé é reconhecida também pela via da escuta espiritual do povo crente. Experiência de todo povo de Deus, todos os batizados. Caminhando para a verdade do Evangelho. Não é uma realidade com base em critérios subjetivistas. O *consensus fidelium* é critério seguro de autenticidade doutrinal e pastoral (Bavaresco, p. 9).

Esta afirmação não deve ser interpretada como uma crítica ao Magistério oficial da Igreja. Pelo contrário, o Magistério desempenha um papel essencial no discernimento dos sinais dos tempos, superando interpretações subjetivas que possam surgir, e orientando a Igreja no caminho do querer divino para toda a humanidade. A atuação do Magistério é crucial diante do subjetivismo presente nos movimentos neopentecostais, tanto católicos quanto protestantes, assim como nas contradições e no fundamentalismo bíblico. Além disso, sua presença é necessária para confrontar a estreita ligação entre certos grupos religiosos e a extrema direita política, buscando sempre a fidelidade à verdade do Evangelho.

2.1 Prática metodológica (atividade em grupo)

Os sinais dos tempos são lugares teológicos da Revelação de Deus (Ver GS 4). Os sinais dos tempos constituem espaços de escuta contínua da história, a qual se apresenta sempre marcada por contradições e ambiguidades. Dentro dos sinais dos tempos, onde Deus está falando? É preciso discernimento. Olhando para nossa realidade brasileira, seguiremos o método “ver, discernir e agir”, para nossa análise.

a) Ver (quem é atingido?): Os pobres. Constatamos que no Brasil existem pessoas que vivem em situações de vulnerabilidades sociais. Os pobres são os principais atingidos. Muitos vivem, inclusive, em pobreza extrema. Situações que os atingem: 1) insegurança alimentar; 2) desemprego; 3) moradia (ausência ou condições precárias); 4) difícil acesso e exclusão à uma educação de qualidade, gerando evasão; 5) insegurança, drogas e exposição à criminalidade; 6) saúde; 7) cultura, dentre outros. A pobreza está presente também até nos países mais desenvolvidos, como os europeus (imigrantes).

b) Discernir: Deus se revela na história. As situações concretas vividas pelos mais pobres no Brasil e em outras partes do mundo são ocasiões que nos dão elementos para discernir a revelação de Deus, nos sinais dos tempos, que se manifestam nas condições atuais dos mais pobres. A Escritura Sagrada, os Padres da Igreja e a Doutrina Social da Igreja, bem como a Palavra atual do Magistério nos fornecem os critérios para bem discernirmos e identificarmos o que Deus nos fala nas circunstâncias que vivem os pobres. A *Dilexit Te* (Abreviaremos por DT) nos direciona para um olhar misericordioso para com os pobres, considerados como tesouro da Igreja. “Os pobres não existem por acaso ou por causa de um cego e amargo destino. Muito menos a pobreza é uma escolha para a maioria deles” (DT, n.14).

Esse olhar deve conduzir-nos a um conjunto de ações sociotransformadoras que promovam a vida dos pobres, elevem sua qualidade de vida e resgatem sua dignidade. Como voz profética, somos chamados a denunciar as raízes da pobreza e, juntamente com os pobres, buscar uma autêntica justiça social. A pobreza que enfrentamos é estrutural; por isso, é imprescindível atingir suas causas profundas e aplicar os remédios adequados para sua superação.

c) Agir: Um exemplo concreto de ação promovida pela Igreja é a Campanha da Fraternidade, com ações concretas imediatas e a longo prazo por meio do financiamento de projetos que envolve formação e mediação institucional (subsídios, momentos formativos, faz um diferencial). Mais que um tema da Quaresma, a Campanha da Fraternidade é chamada a ser uma chave hermenêutica permanente, transversal a todos os tempos e celebrações do ano litúrgico. No Brasil a Cáritas tem um papel fundamental. Em 2026, a Igreja do Brasil irá tratar de um tema que perpassa a vida e interessa a todos os brasileiros: a moradia. Com esta campanha, pretende-se atingir os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a realidade da moradia precária, muitas vezes admitida como normal, a qual culpabiliza os pobres e segrega milhões de pessoas no Brasil.
2. Identificar omissões do poder público e da sociedade civil frente à universalização dos direitos à moradia e à cidade, bem como iniciativas pastorais, governamentais e da organização popular que promovam moradia.
3. Conscientizar, a partir da Palavra de Deus e do Ensino Social da Igreja, sobre a necessidade sagrada do teto, terra e trabalho para todos.
4. Corrigir a compreensão da moradia como mercadoria, como objeto de especulação ou mérito individual.
5. Fortalecer a presença eclesial e o compromisso sociotransformador junto aos mais pobres, caminhando com os movimentos populares que promovam a moradia.
6. Empenhar-se para efetivar leis e viabilizar políticas públicas de moradia em todas as esferas sociais e políticas (CNBB, 2025, p. 8).

Como se observa nos objetivos específicos da Campanha da Fraternidade de 2026, a Igreja no Brasil, atenta aos sinais dos tempos, não se omite diante das situações que ferem profundamente a dignidade da pessoa humana. As Campanhas já são consolidadas, apesar da forte pressão por parte de católicos ultraconservadores que tentam miná-la e descredenciá-la. Para além das Campanhas, existem outros trabalhos, como já acontece por meio de iniciativas como a da Pastoral junto as Pessoas em Situação de Rua. A voz profética continua ecoando mesmo em meios aos embates, inclusive, internos.

Portanto, a atenção aos sinais dos tempos é condição indispensável para que o *sensus fidei* não permaneça apenas no plano de uma intuição espiritual abstrata, mas se encarne na história concreta dos pobres, das vítimas e das periferias geográficas e existenciais. Por meio do método ver–discernir–agir, a Igreja aprende a reconhecer, na vulnerabilidade e nas lutas por moradia, pão, trabalho e dignidade, lugares teológicos onde Deus continua a falar e a interpelar seu povo.

As Campanhas da Fraternidade, a ação da Cáritas e tantas iniciativas pastorais evidenciam que tal leitura dos sinais não se limita a diagnósticos sociológicos, mas desdobra-se em compromisso profético, denúncia das estruturas injustas e anúncio de alternativas que promovam a justiça social. Desse modo, a escuta do povo de Deus e a atenção aos sinais dos tempos se iluminam mutuamente: o *sensus fidei* ajuda a perceber onde a vida está ferida, enquanto a realidade histórica devolve perguntas à fé e impede que ela se torne evasão espiritualista. A partir dessa dupla escuta – do Espírito na consciência dos fiéis e da voz de Deus na história – torna-se possível compreender a sinodalidade não apenas como um ideal teórico, mas como estrutura, processo e prática permanente de discernimento comunitário, tema do próximo item, no qual se mostrará como a Igreja é chamada a organizar-se, decidir e caminhar de forma sinodal em todas as suas instâncias.

3. Sinodalidade: estrutura, processo e discernimento comunitário

Este terceiro momento do texto aprofunda a dimensão propriamente metodológica da reflexão, mostrando como a articulação entre *sensus fidei* e sinais dos tempos se concretiza em uma forma de ser e

de decidir da Igreja: a sinodalidade. Se, nos itens anteriores, a ênfase recaiu sobre a consciência crente do povo de Deus e sobre o discernimento histórico, aqui trata-se de explicitar como essa consciência e esse discernimento se traduzem em estrutura, processo e prática de discernimento comunitário. Sinodalidade aparece, assim, não apenas como um tema ou um ideal, mas como um método eclesial que organiza a escuta, orienta os processos de decisão e gera uma cultura de comunhão, participação e corresponsabilidade, tal como foi experimentado na prática do micro-sínodo descrito a seguir.

3.1 A Sinodalidade como Princípio Eclesial

A tríade formada por *sensus fidei* (SF), sinal dos tempos (ST) e sinodalidade expressa a articulação entre a consciência de fé do povo de Deus, o discernimento histórico e a forma eclesial de caminhar juntos. Essa tríade funciona como base de um método teológico e pastoral que integra estrutura e processo: a estrutura assegura identidade e estabilidade à Igreja, enquanto o processo introduz o dinamismo do Espírito na atualização da fé. Quando essa integração se concretiza, emerge o método sinodal, que orienta a Igreja a discernir de modo comunitário. A sinodalidade constitui o princípio vital do método sinodal: Quando essa integração se concretiza, ela engendra e dá forma ao método sinodal, que é a expressão processual da sinodalidade e orienta a Igreja a discernir de modo comunitário. A sinodalidade, enquanto princípio vital, informa e constitui a base do método sinodal, que a traduz em processos efetivos de escuta, discernimento e decisão comunitária¹.

Enquanto princípio mais amplo que a colegialidade episcopal, a sinodalidade abarca todo o povo de Deus, valorizando a participação de leigos, religiosos e ministros ordenados no discernimento comunitário. Assim, o poder na Igreja passa a ser exercido de modo colegial e, sobretudo, sinodal — forma mais ampla e inclusiva, que envolve todo o povo de Deus no discernimento e nas decisões eclesiais. Esse exercício sinodal do poder segue um caminho consultivo e deliberativo, assegurando a escuta recíproca e o discernimento comunitário antes da tomada de decisões.

Nesse horizonte, a paróquia aparece como lugar significativo da experiência sinodal, pois é ali que a fé do povo — o *sensus fidei* — encontra concretamente os desafios do tempo presente — o sinal dos tempos. Nessa dinâmica, a ação do Espírito se manifesta no diálogo entre o *Volksgeist* — o espírito de fé do povo de Deus — e o *Zeitgeist* histórico, com suas exigências e desafios contemporâneos. Nessa dialética fundamental, o *sensus fidei* se confronta e se deixa interpelar pelos sinais dos tempos. A sinodalidade, como princípio eclesial constitutivo, é o que valoriza e promove este encontro vital. Por sua vez, o método sinodal é o processo específico que implementa esta sinodalidade, traduzindo-a em mediações concretas para a escuta, o discernimento e a decisão comunitária. É neste dinamismo — onde o princípio (sinodalidade) toma forma através de um processo (método sinodal) — que estrutura e processo se integram. Essa integração permite que a Igreja, de forma orgânica, permaneça

¹ A sinodalidade é o princípio eclesiológico fundamental, a *forma de ser* da Igreja como povo que "caminha junto" (*syn-hodos*). É uma atitude constitutiva e permanente, derivada do *sensus fidei* e da abertura aos *sinais dos tempos*. Em si, ela é a natureza relacional da Igreja. O Método Sinodal é a tradução processual e instrumental desse princípio. É o *modo de fazer*, o conjunto de práticas, etapas e ferramentas (como assembleias, círculos de escuta, fases de discernimento) que tornam operativa a sinodalidade em situações concretas de decisão e vida comunitária. Em outras palavras: a sinodalidade é o 'que' (a essência do caminhar juntos), enquanto o método sinodal é o 'como' (a forma prática de realizá-lo). A integração da tríade *sensus fidei*, *sinais dos tempos* e *sinodalidade* articula o método sinodal. Este método é a expressão prática e processual da sinodalidade, a qual, por sua vez, atua como alma e princípio vital que o informa e lhe confere sentido eclesial.

simultaneamente fiel à tradição recebida e sensível às inspirações do tempo em que vive, conduzindo-a assim à verdade vivida e testemunhada.

3.2 A Prática do Micro-Sínodo e a Dinâmica da Escuta

A etapa prática da atividade consistiu em uma vivência concreta da sinodalidade em grupo, configurada como uma experiência de micro-sínodo realizada por meio de uma roda sinodal de escuta. O objetivo foi proporcionar aos participantes uma prática real dos princípios e métodos do discernimento comunitário, articulados nessa roda inspirada nos valores de comunhão e participação. O encontro, com duração aproximada de uma hora, seguiu as orientações do Guia de Encontro Sinodal trabalhado no Seminário, organizando-se em momentos distintos de preparação, partilha e síntese. Assim, os conceitos de *sensus fidei* e sinal dos tempos, estudados na parte teórica, foram traduzidos em processo relacional e corresponsável, guiado pela escuta atenta e pela busca de consenso por consentimento.

O grupo se organizou de modo colaborativo. José assumiu a função de facilitador; Edimundo foi o guardião do tempo; Eliara, a guardiã da escuta; e Carlos, junto com José, atuou como secretário dos sinais, responsável por registrar as intuições e tensões que emergiram ao longo do diálogo. A partir dessa configuração, teve início a dinâmica da roda sinodal, estruturada em duas rodadas de partilha e reflexão, nas quais a sinodalidade passou da teoria à experiência, tornando-se realidade vivida no diálogo e no discernimento coletivo.

A roda de escuta iniciou-se a partir da pergunta-guia: “Como esses textos iluminam nossa forma concreta de decidir juntos?” Cada participante respondeu livremente, integrando teoria e prática. As falas revelaram diferentes modos de compreender e viver a sinodalidade, com destaque para o testemunho de Carlos, que apresentou uma experiência concreta de vivência sinodal em contexto institucional.

Carlos partilhou sua trajetória como reitor de um Seminário Maior de âmbito provincial, função assumida durante o período da pandemia, coordenando uma comunidade formada por seminaristas, formadores, docentes e colaboradores. Diante do desafio de conduzir uma instituição em contexto crítico, procurou aplicar o princípio da sinodalidade na gestão e na formação, promovendo a escuta ativa de todos os agentes — bispos, formadores, professores, seminaristas e equipe administrativa. O processo contou com uma equipe interdisciplinar, reunindo presbíteros, docentes e profissionais das ciências humanas, e resultou na elaboração de um projeto formativo orientado à formação integral dos futuros presbíteros.

No relato de Carlos, a experiência do *sensus fidei* emergiu na comunidade formativa como consciência compartilhada de um chamado comum, capaz de gerar comunhão e corresponsabilidade mesmo em contexto de crise. Ao longo da vivência sinodal durante a pandemia, formadores, seminaristas, docentes e colaboradores reconheceram que essa unidade interior sustentava o diálogo, orientava as decisões e permitia enfrentar as dificuldades com coesão e maturidade espiritual.

Ainda segundo o testemunho de Carlos, a leitura dos sinais dos tempos evidenciou a urgência de integrar de modo mais explícito a dimensão humano-afetiva à formação presbiteral, em sintonia com o Pacto Educativo Global proposto pelo Papa Francisco. O contexto pandêmico tornou claras as fragilidades emocionais e os desafios relacionais já presentes na vida eclesial, indicando que a formação integral exige atenção às dimensões afetivas para preparar presbíteros capazes de acompanhar comunidades marcadas por transformações profundas.

Na segunda rodada, os participantes realizaram o exercício do “espelhar”, retomando algo significativo da fala de outro membro, com expressões como “eu ouvi” ou “me tocou quando”. Essa etapa aprofundou a escuta interior e reforçou a empatia entre os integrantes. José destacou a humildade cristã presente na atuação de Carlos e sua capacidade de conduzir um processo sinodal com simplicidade e

atenção ao outro. Edimundo reconheceu no relato um exemplo concreto de aplicação dos princípios estudados, sobretudo no diálogo entre seminaristas e bispos. Eliara observou que o trabalho de Carlos expressa o verdadeiro espírito da sinodalidade - comunhão, participação e corresponsabilidade. O grupo reconheceu que sua experiência respondeu de modo concreto à pergunta inicial, tornando visível como a sinodalidade pode orientar decisões reais no contexto eclesial.

3.3 Discernimento, Intuições e Tensões do Caminhar Conjunto

Na etapa de síntese, compreendida como o “nosso próprio sínodo”, o grupo elaborou um conjunto de intuições e tensões que traduziram tanto os frutos quanto os desafios da vivência. O encontro foi conduzido pela metodologia sinodal da conversação no Espírito. Em sua aplicação, três pilares se confirmaram como fundamentais e estruturantes: 1) a escuta recíproca (o elemento mais transformador), 2) a participação equilibrada (respeito aos turnos de fala) e 3) a abertura à convergência (o consenso como fruto do diálogo, não da imposição). Por outro lado, emergiram também tensões reais: a permanência de hábitos de centralização, com a expectativa de que uma liderança decida por todos, e a dificuldade de síntese diante da diversidade de experiências e linguagens, que exige paciência e maior tempo de escuta.

Como desdobramento da prática, o grupo propôs manter a experiência sinodal em escala reduzida, para consolidar o aprendizado vivido. Sugeriu-se a realização de novas rodas de escuta, com tempo delimitado e foco em partilhas concretas, seguidas de pequenas decisões simbólicas que representem o caminhar conjunto. A proposta foi acolhida mediante consenso do tipo “pode ser”, forma de consentimento que expressa concordância geral e abertura a ajustes. Durante a simulação, foram utilizados os sinais de consentimento apresentados pelo professor: apoio, pode ser, preocupação e bloqueio, instrumentos que representam diferentes graus de adesão e colaboram para o discernimento comunitário.

3.4 Síntese final da roda sinodal vivenciada

A integração entre *sensus fidei* e sinais dos tempos, evidenciada na prática da roda sinodal, mostrou que a sinodalidade se realiza nas relações e nas decisões cotidianas, revelando uma espiritualidade de comunhão sustentada pelo Espírito. Essa experiência evidenciou que a sinodalidade é forma viva de ser Igreja, em que cada decisão comum se torna sinal do Reino em construção, e a vivência do micro-sínodo confirmou a fecundidade do método sinodal como caminho de conhecimento eclesial que une reflexão e ação.

O discernimento mostrou-se fruto da confluência entre diferentes vozes, da experiência concreta da comunidade e da fidelidade comum à tradição recebida. O exercício de escuta e convergência indicou que a corresponsabilidade não é apenas prática deliberativa, mas expressão madura da vida eclesial. Dessa experiência nasce a compreensão de que a sinodalidade forma e transforma, oferecendo um horizonte concreto para uma Igreja que caminha em comunhão sob a inspiração do Espírito.

Em síntese, a reflexão e a prática da sinodalidade — tal como emergiram na experiência do micro-sínodo — mostram que ela não é apenas uma “nova organização” da Igreja, mas um método espiritual e comunitário de conhecimento: a fé vivida no *sensus fidei*, lida à luz dos sinais dos tempos, torna-se critério para decisões partilhadas e para a configuração de uma autêntica cultura de comunhão, participação e corresponsabilidade. A roda sinodal evidenciou que a escuta recíproca, o confronto honesto com as tensões e a busca de consensos por consentimento são lugares teológicos onde o Espírito Santo continua a conduzir a Igreja. No entanto, para que esse dinamismo não se perca em iniciativas pontuais, é preciso uma gramática teológico-pastoral que ofereça critérios mais estáveis para ler a realidade, ordenar conflitos, articular ideias e processos e integrar o todo e as partes da vida eclesial. É exatamente aqui que

entram os quatro princípios da *Evangelii Gaudium* — “o tempo é superior ao espaço”, “a unidade prevalece sobre o conflito”, “a realidade é mais importante do que a ideia” e “o todo é superior à parte” — que, no próximo item, serão apresentados como metodologia social e eclesial capaz de estruturar, aprofundar e sustentar o caminho sinodal em suas múltiplas expressões.

4. Metodologia social e eclesial na *Evangelii Gaudium*

Para aprofundar o método sinodal em suas implicações concretas, é decisivo considerar a contribuição da *Evangelii Gaudium* como verdadeira metodologia social e eclesial. Nela, o Papa Francisco oferece quatro princípios — tempo-espaço (EG, 222-225), unidade-conflito (EG 226-230), realidade-ideia (EG 231-233) e todo-partes (EG 234-237) — que funcionam como uma espécie de “gramática” para orientar processos, decisões e estruturas à luz da Alegria do Evangelho. Esses princípios não são apenas critérios abstratos, mas chaves práticas para articular missão, participação e discernimento no hoje da história, ajudando a superar tanto a pastoral de conservação quanto uma espiritualidade desencarnada. No que segue, apresentamos como esses princípios operam e se traduzem em experiências concretas, como o laboratório metodológico vivido na Arquidiocese de Feira de Santana e o projeto das Santas Missões Populares.

Tempo-espaço: Na perspectiva da *Evangelii Gaudium* (n. 222-225), o tempo tem primazia sobre o espaço: mais importante do que ocupar lugares e manter estruturas é iniciar e acompanhar processos de conversão que amadurecem lentamente. Isso supõe caminhos de longa duração, paciência para sustentar processos e coragem para atravessar situações difíceis, confiando que, no tempo oportuno, o Espírito conduz à superação.

Unidade-conflito: Primazia da unidade (EG, n. 226-230). Reconhecer que os conflitos fazem parte das relações humanas é essencial; no entanto, é a unidade profunda que dá sentido às ações. Como exemplo, o colega Henrique compartilhou sua experiência de superar conflitos durante as tratativas do processo formativo, quando surgiram ideias diversas. Nesse contexto, ressaltou-se que os sinais dos tempos são contraditórios, o que torna ainda mais importante identificar pontos de convergência que contribuam para construir unidade.

Trata-se de buscar as mediações necessárias para ir além da superfície e perceber a totalidade da realidade, sem se deter nos primeiros impressionismos. A unidade nasce da comunhão na diversidade - e não de uniformidade.

Realidade-ideia: A realidade é mais importante que a ideia (EG, n. 231-233). Não se deve ocultar a realidade nem permanecer apenas no nível das palavras ou de uma retórica sem prática. A Palavra de Deus já existe, mas é necessário encarná-la na realidade concreta. Nos processos de tomada de decisão, é fundamental considerar seriamente a realidade e garantir que todos participem desses processos.

Todo-partes: Quando se trata de todo e partes (EG 234-237), é preciso manter a atenção ao global e ao local, evitando fechar-se no abstrato. A integrar entre o todo as partes deve servir como critérios metodológicos para a ação evangelizadora, social e missionária da Igreja em saída.

Os quatro princípios metodológicos da *Evangelii Gaudium* são norteadores da dinâmica evangelizadora. Não se trata apenas de um conjunto de técnicas, mas de um caminho sinodal, atento aos sinais dos tempos no hoje da história. Essa metodologia epistemológica busca alcançar a verdade. Não existe uma receita pronta: é necessário construir o caminho sinodal, superando estruturas que sufocam a participação comunitária, promovem a autorreferencialidade e não priorizam a missão.

A partir dos textos estudados ao longo das aulas, compreende-se que esses quatro princípios fundamentam a proposta da sinodalidade, sobretudo diante do pluralismo religioso atual.

A *Evangelii Gaudium* prioriza uma evangelização capaz de transformar costumes e estruturas, oferecendo respostas novas aos desafios contemporâneos. Um dos elementos constitutivos de sua metodologia é a transmissão da alegria que emana do encontro com Jesus Cristo e deve ser compartilhada.

Entre suas ênfases, estão: reconhecer os sinais dos tempos para promover a nova evangelização e fortalecer a transmissão da fé cristã (tema da Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos de 2012).

A suas propostas incluem: reforma da Igreja em chave missionária (EG 25-33 (Cap. I); superação das tentações do comodismo e desânimo dos agentes pastorais (EG 81-83; EG 85); renovação da homilia e de sua preparação (EG 135-144 (Cap. III); inclusão social dos pobres (EG 186-216 (Cap. IV); motivação espiritual para o compromisso missionário (EG 1-13; EG 259-288).

4.1 Laboratório metodólogo

À luz da exortação apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, cujo objetivo é anunciar a Alegria do Evangelho, e considerando a interpretação dos quatro princípios já mencionados, apresentamos a experiência prática do trabalho pastoral realizado na Arquidiocese de Feira de Santana, no Estado da Bahia.

a) **Caso concreto** articulação pastoral arquidiocesana.

Em sintonia com a proposta da *Evangelii Gaudium* de uma Igreja missionária em saída como caminho de conversão pastoral, nossa primeira iniciativa ao assumir a coordenação da pastoral arquidiocesana foi realizar uma assembleia geral com a participação de todas as forças vivas da Igreja particular — bispos, presbíteros, religiosos e religiosas, pastorais, movimentos e organismos eclesiais.

Após aprofundar a necessidade do dinamismo missionário para a renovação pastoral, propusemos um planejamento geral com uma única prioridade pastoral, envolvendo todas as estruturas eclesiais: pastorais, movimentos, organismos, conselhos paroquiais e arquidiocesanos, pastorais sociais em uma mesma dinâmica evangelizadora, superando a pastoral de conservação.

b) **Sensus fidei**

A partir da piedade popular, expressa nas diversas práticas devocionais do povo nordestino, identificamos a presença de inúmeros missionários que se dedicaram ao serviço do reinado de Deus. Destacam-se figuras históricas como:

Frei Damião de Bozzano, que atuou especialmente entre as décadas de 1930 e 1940, exercendo importante ação social e religiosa;

Padre Cícero (Crato, 1844 – Juazeiro do Norte, 1934), embora sua figura seja complexa e envolva aspectos políticos e religiosos, ele foi um líder espiritual carismático de profunda influência e uma figura central para a população do Ceará e de toda a região;

Padre Ibiapina (Ibiapina, 1806 – Solânea, 1883), José Antônio de Maria Ibiapina foi um sacerdote e missionário que dedicou cerca de trinta anos de sua vida ao serviço dos pobres, à promoção da dignidade humana e ao bem comum.

Essas figuras, entre tantas outras, ilustram como o *sensus fidei* do povo nordestino se expressa na fé encarnada, missionária e solidária.

c) **Sinais dos tempos**

Nas comunidades, constatou-se a permanência de uma pastoral de conservação. Diante disso, assumimos o compromisso de avançar para uma ação missionária conjunta, o que levou à adesão ao projeto das Santas Missões Populares (SMP).

Para sua execução, percorremos um extenso processo de escuta, encontros formativos, retiros paroquiais e por foranias, além de momentos arquidiocesanos. Com grande participação popular, esses encontros — geralmente com três dias de duração — garantiam voz e vez a todos.

4.2 Princípios da *Evangelii Gaudium*

O projeto foi desenvolvido ao longo de quatro anos, sendo adaptado à realidade de cada paróquia e comunidade, percorrendo um caminho formativo, a partir das seguintes etapas:

1ª etapa: Tempo de conhecer a proposta das Santas Missões Populares, 2015 (do Namoro/Noivado) — Duração: abril a novembro de 2016.

Atividades: a) Conhecer, divulgar, abraçar a proposta; b) Organizar cada paróquia em setores missionários; c) Eleição dos missionários de cada setor paroquial (ver livro SMP, 2015); d) Visitas missionárias; e) Estudo do livro SMP (2015) cap. 1 e 4; f) Estudo do evangelho de Lucas;

2ª etapa: Tempo ao Acordar — Duração: novembro 2016 a agosto 2018.

Atividades: a) primeiro retiro arquidiocesano missionário (18 a 20 de novembro 2016); b) Primeiro Retiro Missionário nas Paróquias (dezembro de 2016 a agosto 2017); c) bloco 1 e 2 — ver livro das SMP (2015, p. 111); d) Estudo do Evangelho de Mateus; e) Visitas.

Continua a 2ª etapa: II retiro paroquial de novembro de 2017 a julho de 2018.

Atividades: a) 3 e 4 blocos; b) Finalizar o estudo do evangelho de Mateus e iniciar o estudo do Evangelho de Marcos; c) Continuam as visitas.

3ª etapa: Semanas missionárias em todas as Paróquias; Prazo: Pentecostes 2019 a Pentecostes 2020.

Atividades: 39 Semanas Missionárias;

4ª etapa: a missão continua!

Atividades: a) Quarto RETIRO Arquidiocesano Missionário; b) Quarto RETIRO em todas as 39 Paróquias; c) Duração: Pentecostes de 2020 a Pentecostes de 2021;

5ª etapa: Grande celebração de ação de graças: Pentecostes de 2021.

Conflito: Ao propor o projeto como prioridade comum, surgiram resistências de lideranças que relutavam em renunciar as suas atividades tradicionais.

Superação: O conflito foi superado quando se compreendeu que não se tratava de anular iniciativas existentes, mas de integrá-las à dinâmica missionária das Santas Missões Populares (SMP).

Realidade-ideia: Embora se desejassem formações, ações missionárias e atividades sociais, houve resistências quando se propôs o estudo do Manual das Santas Missões Populares, do Documento de Aparecida e da *Evangelii Gaudium*. Após superar as incompreensões, aprofundamos juntos os conteúdos, reconhecendo que era necessário compreender o processo da dinâmica missionária a ser desenvolvida, ou seja, “como fazer” e o “o que fazer” segundo as orientações do manual adotado.

Assim, o projeto missionário das Santas Missões Populares (SMP) passou a ser compreendido como o todo, enquanto cada iniciativa pastoral foi reconhecida como parte integrada desse conjunto, numa dinâmica que envolve todos os batizados e batizadas, cada qual participando como parte viva do todo.

Diagnóstico: superar a pastoral de conservação.

Chamado à conversão: as Santas Missões Populares (SMP) convocam à conversão missionária das estruturas de conservação e obsoletas.

Proposta sinodal: Projeto das Santas Missões Populares (SMP) — batizados e enviados como discípulos missionários como igreja em saída.

Em suma, a metodologia da *Evangelii Gaudium* impulsiona a Igreja a uma profunda renovação missionária, inspirada na Alegria do Evangelho. Convida a uma opção missionária concreta, nascida do

encontro com os mais necessitados, superando o comodismo e promovendo uma evangelização viva, participativa e comprometida com a realidade.

A metodologia social e eclesial da *Evangelii Gaudium* oferece uma espécie de “gramática operativa” para o caminho sinodal: os quatro princípios — tempo-espço, unidade-conflito, realidade-ideia, todo-partes — impedem tanto o ativismo sem discernimento quanto a espiritualidade desencarnada, ajudando a ordenar processos, conflitos, decisões e estruturas à luz da Alegria do Evangelho. Eles traduzem, em chave pastoral e missionária, aquilo que o *sensus fidei* e os sinais dos tempos suscitam na vida do povo de Deus, possibilitando que experiências como a coordenação arquidiocesana em Feira de Santana e o projeto das Santas Missões Populares se tornem verdadeiros laboratórios de conversão pastoral e de Igreja em saída. No entanto, essa metodologia não se sustenta apenas em uma técnica de gestão eclesial: ela supõe um horizonte mais profundo, uma visão de fé e de realidade capaz de integrar, sem separar nem confundir, Deus, mundo e ser humano. É justamente essa base teológico-ontológica que o princípio *advaita* e a Trindade cosmoteândrica em Raimon Panikkar oferecem, ao pensar a não-dualidade relacional como chave para compreender a criação, a encarnação e a missão da Igreja. No próximo item, buscaremos mostrar como esse princípio *advaita* pode fundamentar e iluminar, em profundidade, o próprio método sinodal, oferecendo-lhe um enraizamento espiritual e ontológico à altura dos desafios de um mundo plural e interconectado.

5. Princípio *advaita* em Panikkar: fundamento teológico-ontológico e metodológico

A reflexão de Raimon Panikkar sobre o princípio *advaita* nasce num contexto de crise dos modelos clássicos de pensar a relação entre Deus e o mundo. De um lado, o dualismo herdado de certas formas de teísmo ocidental, que imagina Deus como totalmente separado do cosmos, “lá em cima”, enquanto o mundo permanece “aqui embaixo”. De outro lado, o monismo ou panteísmo, que tende a diluir Deus na natureza, identificando-o pura e simplesmente com o todo da realidade. Entre essas duas polaridades, Panikkar procura uma terceira via, profundamente marcada pelo encontro entre cristianismo e hinduísmo: o *advaita*, que ele traduz preferencialmente como “a-dualismo” ou “não-dualidade”.

5.1 O que é o *advaita*: além de dualismo e monismo

Literalmente, *advaita* significa “não-dois” (*a-dvaita*). Com isso não se pretende afirmar um “um” monolítico em oposição a um “dois” dividido, mas indicar que a estrutura última do real não pode ser pensada nem como separação radical (dois), nem como fusão indistinta (um indiferenciado). Para a tradição das *Upaniṣad*, lida em profundidade, o núcleo do real não é um dualismo entre Deus e mundo, nem um monismo em que tudo se confunde, nem um teísmo simples que projeta em Deus a figura de um indivíduo superlativo. O centro é o caráter não-dual do Real.

Nesse horizonte, a Divindade não está simplesmente “fora” do mundo, como um ser que se acrescenta às criaturas, mas também não é totalmente idêntica a elas. Por isso, dualismo e monismo aparecem como duas reduções simétricas e igualmente insuficientes. Nas *Upaniṣad*, o Absoluto é, a um só tempo, transcendente e imanente: “todo em um”. Não se dissolve na realidade finita, mas também não permanece confinado a um além separado. A não-dualidade indica justamente esse modo de presença: o Real está em tudo e tudo está no Real, sem que isso se converta em confusão ou indistinção.

5.2 Advaita como chave para reler o cristianismo

É a partir dessa matriz que Panikkar se volta a reexaminar o próprio cristianismo. O ponto de partida é a centralidade da Encarnação: o Deus cristão não salva “de fora”, mas assumindo a condição humana, tornando-se carne. Essa experiência da proximidade e interioridade de Deus conduz Panikkar à Trindade como forma mais adequada de pensar o divino. Porém, para que a Trindade seja inteligível, é preciso abandonar tanto esquemas dualistas quanto monistas. Daí o papel decisivo do *advaita*.

Para Panikkar, Deus não é uma “coisa” que se adiciona ao mundo, nem uma “pessoa” num sentido antropomórfico rígido, mas pura relação. A Trindade, entendida de modo radical, não é um “misterioso organograma interno de Deus”, mas a expressão de que o próprio ser é relacional. O Pai é igual ao Filho, mas o Filho não é o Pai; o Espírito é distinto, mas totalmente relativo ao Pai e ao Filho. Não há três indivíduos separados, nem uma substância única indiferenciada: há uma não-dualidade relacional. Aqui o *advaita* oferece a gramática para pensar essa simultânea distinção e unidade.

A partir dessa lente, Panikkar fala de uma “Trindade radical”: toda a realidade é trinitária, não apenas o interior de Deus. A estrutura fundamental do real é cosmoteândrica, isto é, uma tríplice relação entre o divino, o cósmico e o humano. Deus, mundo e ser humano são realmente distintos, mas constitutivamente em relação uns com os outros. Não há mistura confusa (como em certos monismos), nem separação estanque (como em certos dualismos): há uma não-dualidade de relações.

5.3 Dimensão experiencial do advaita

Essa visão não é apenas um esquema conceitual abstrato; ela corresponde a uma experiência espiritual específica. Na concepção védica retomada por Panikkar, a única Realidade é o *Purusa* ou *Brahman*, o dinamismo básico do real, que não se “possui” teoricamente, mas se conhece existencialmente, por um processo de purificação do ego.

A fórmula *aham brahman* (“eu sou Brahman”) não significa inflar o eu humano até torná-lo “divino”, mas descobrir que o verdadeiro eu não é o ego isolado, e sim a sua relação com o fundamento último. Esse processo passa pelo reconhecimento de um Tu absoluto (*tat tvam asi* – “tu és isso”), que desinstala o eu e o abre para um nível mais profundo de identidade: o eu encontra a si mesmo na relação com o divino, com os outros e com o cosmos.

Por isso, na ótica hindu incorporada por Panikkar, não existe indivíduo isolado; o que existe é a pessoa em rede de relações. A divinização não é um Deus que “entra” num sujeito fechado, mas o descobrir-se divino na própria trama das relações. A espiritualidade que daí brota é cosmoteândrica: uma mística de interioridade, responsabilidade cósmica e relação pessoal com Deus.

5.4 Implicações teológicas centrais

Da articulação entre *advaita* e Trindade radical decorrem várias consequências teológicas:

a) Releitura da criação e da salvação. Se toda a realidade é trinitária, criação, encarnação e escatologia não são eventos separados, alinhados numa cronologia externa, mas dimensões de um mesmo processo cosmoteândrico. O mundo é continuamente criado, assumido e conduzido à sua plenitude no interior dessa dinâmica de relações trinitárias, que Panikkar tematiza sob o título de “Trindade radical”.

b) Teologia do Espírito. Ao insistir no caráter “espiritual” do Absoluto — “não fala, inspira; não é tanto Verbo, é Espírito” — Panikkar reforça a centralidade do Espírito como dimensão que respira em tudo. O Espírito deixa de ser a “terceira pessoa periférica” para ser o nome da presença não-dual de Deus no coração da realidade, como sopro, dinamismo e comunhão.

Em síntese, o princípio *advaita* permite a Panikkar pensar uma não-dualidade relacional que ilumina tanto a tradição hindu quanto a fé cristã na Trindade. Entre dualismo e monismo, ele propõe uma compreensão do real como teia cosmoteândrica de relações, na qual Deus, mundo e ser humano se distinguem sem se separar e se unem sem se confundir. Essa chave não é apenas especulativa: abre um horizonte espiritual no qual a experiência de Deus coincide com a descoberta da profundidade do mundo e da alteridade do outro.

O princípio *advaita* em Panikkar ajuda a pensar o *sensus fidei* não como “opinião religiosa individual”, mas como **experiência relacional**: o fiel crê a partir de uma inserção simultânea em Deus, no mundo e na comunidade. A não-dualidade relativiza o esquema “magistério em cima / povo embaixo” e sugere um método em que a verdade da fé se discerne **na circulação entre Deus-povo-mundo**, não em polos isolados.

Lido com Panikkar, “sinais dos tempos” não são apenas fatos externos a serem julgados de fora, mas **lugares cosmoteândricos**, onde se entrelaçam drama humano, gemido da criação e apelo de Deus. O método *advaita* impede separar “mundo secular” e “revelação” e convida a ler a crise climática, por exemplo, como um único acontecimento em que se manifestam, ao mesmo tempo, pecado estrutural, desequilíbrio ecológico e interpelação do Espírito.

Se a realidade é não-dual e relacional, a sinodalidade deixa de ser apenas uma “organização participativa” e se torna tradução eclesial do *advaita*: caminhar juntos é o método mais coerente com um Deus-relação. Não há “sujeitos puros” (hierarquia x povo), mas uma rede de escuta mútua em que cada vocação e ministério é nó de uma mesma trama. O método sinodal, assim, é mediação histórica da estrutura cosmoteândrica: Deus fala onde se entrecruzam Palavra, povo e realidade concreta.

Evangelii Gaudium insiste em processos, tempo superior ao espaço, realidade superior à ideia. O *advaita* oferece o “porquê” ontológico disso: se tudo é relação, método evangelizador não pode ser de imposição “de cima”, mas de geração de processos relacionais — diálogo social, opção pelos pobres, cultura do encontro. A pastoral torna-se, então, uma práxis de não-dualidade concreta: anunciar Cristo é, ao mesmo tempo, reconciliar feridos, cuidar da casa comum, tecer vínculos.

Na base, o princípio *advaita* e a Trindade cosmoteândrica funcionam como fundamento teológico-ontológico: Deus, mundo e ser humano são distintos, porém inseparáveis. Sobre essa base, *sensus fidei*, leitura dos sinais dos tempos, sinodalidade e metodologia social da Igreja aparecem como traduções metodológicas dessa não-dualidade: pensar com o povo (*sensus fidei*), discernir com a história (sinais dos tempos), decidir com a comunidade (sinodalidade), agir com a sociedade e o cosmos (EG, ecologia integral).

Em síntese: Panikkar fornece a “gramática ontológica” (*advaita*-Trindade cosmoteândrica); o método sinodal e a leitura dos sinais dos tempos são a **prática eclesial** que encarna essa gramática na história.

Considerações finais

O artigo apresentado desenvolve uma proposta metodológica teológico-pastoral articulada em torno do eixo *sensus fidei* — sinais dos tempos — sinodalidade, dialogando com a *Evangelii Gaudium* e com o princípio *advaita* de Raimon Panikkar. A reflexão, contudo, poderia avançar na explicitação objetiva das contribuições específicas desses referenciais para a construção do método sinodal, indo além da síntese descritiva das seções. Destacam-se, de forma mais direta, os seguintes relações e contribuições construídos ao longo do trabalho:

A *Evangelii Gaudium* como gramática operativa: Os quatro princípios (tempo/espaço, unidade/conflito, realidade/ideia, todo/partes) não são apenas citados, mas funcionam como critérios práticos que estruturam a ação sinodal. Eles convertem a intuição espiritual (*sensus fidei*) e a leitura da

realidade (sinais dos tempos) em processos discerníveis e sustentáveis, prevenindo tanto o imediatismo ativista quanto a abstração desencarnada. O caso das Santas Missões Populares ilustra como essa gramática orienta uma transição concreta da pastoral de conservação para uma Igreja em saída.

O princípio *advaita* como fundamento relacional: A não-dualidade panikkariana oferece a base ontológica que justifica e dá profundidade ao método sinodal. Ao pensar Deus, mundo e ser humano como distintos mas inseparáveis, o *advaita* desestabiliza modelos eclesiais piramidais e funda a sinodalidade numa exigência relacional do próprio real. Isso transforma a escuta do povo, a atenção aos sinais históricos e o caminhar conjunto de meras estratégias pastorais em expressões coerentes de uma fé que compreende a comunhão como estrutura última da existência.

Essas duas contribuições — a metodológica, da *Evangelii Gaudium*, e a ontológico-espiritual, de Panikkar — permitem que a tríade central (*sensus fidei*, sinais dos tempos, sinodalidade) seja mais do que uma sequência de temas: torna-se um método integrado, em que a fé vivida é discernida comunitariamente à luz dos desafios históricos, seguindo uma gramática prática de processo e uma compreensão relacional de realidade. O artigo sugere, assim, que a renovação eclesial exige não apenas novos conteúdos, mas uma reconfiguração metodológica e ontológica do modo como a Igreja conhece, decide e caminha.

Partindo da experiência concreta de um seminário intensivo e da prática de um micro-sínodo, o texto mostrou que a teologia, quando enraizada na fé vivida e aberta ao diálogo interdisciplinar, é capaz de integrar experiência espiritual, análise histórica, discernimento comunitário e renovação missionária.

Em primeiro lugar, ao retomar o *sensus fidei* como ponto de partida do método sinodal, o artigo evidenciou seu duplo estatuto: espiritual e epistemológico. Mais do que um conceito, trata-se de um “instinto espiritual” concedido pelo Espírito Santo ao povo de Deus, que possibilita reconhecer a verdade do Evangelho na trama da vida cotidiana. A narrativa de José, com sua trajetória mística e filosófica, mostrou que o *sensus fidei* não é opinião subjetiva, mas experiência de fé que, quando partilhada e discernida em comunhão, torna-se critério real para o conhecimento teológico. Assim, o *sensus fidei* aparece como antídoto tanto ao subjetivismo quanto ao clericalismo, pois vincula a verdade da fé à escuta do povo crente em comunhão com o magistério e com a tradição viva da Igreja.

Em segundo lugar, a atenção aos sinais dos tempos revelou-se indispensável para que esse *sensus fidei* se encarne na história concreta, especialmente na realidade dos pobres e vulnerabilizados. A releitura do método ver-discernir-agir mostrou que os sinais dos tempos são verdadeiros “lugares teológicos” nos quais a revelação de Deus se deixa perceber nas contradições sociais, nas feridas da dignidade humana e nas lutas por moradia, trabalho, pão e justiça. A referência à Campanha da Fraternidade, à ação da Cáritas e às iniciativas junto às pessoas em situação de rua explicitou que esse discernimento não se encerra em diagnósticos, mas exige compromisso profético e transformação estrutural. O *sensus fidei* e os sinais dos tempos apareceram, assim, como dois polos de uma mesma dinâmica: a fé ilumina a realidade, enquanto a realidade provoca e purifica a fé.

Em terceiro lugar, a sinodalidade foi apresentada como estrutura, processo e prática de discernimento comunitário, na qual essa dupla escuta se traduz em formas concretas de organização e decisão eclesial. A experiência da roda sinodal — com distribuição de funções, exercício de escuta recíproca, prática do “espelhar” e busca de consensos por consentimento — mostrou que a sinodalidade é um verdadeiro método espiritual de conhecimento: a verdade se amadurece no encontro entre diferentes vocações, sensibilidades e ministérios, sob a ação do Espírito. A tríade *sensus fidei* — sinais dos tempos — sinodalidade, portanto, configura um método no qual a Igreja aprende a pensar com o povo, discernir com a história e decidir em comunhão.

Em quarto lugar, a metodologia social e eclesial da *Evangelii Gaudium* forneceu a gramática operativa para esse caminho. Os quatro princípios – tempo/espço, unidade/conflito, realidade/ideia,

todo/partes — impediram tanto o ativismo imediatista quanto a abstração desencarnada, ajudando a ordenar processos, conflitos, decisões e estruturas “à luz da alegria do Evangelho”. O laboratório pastoral da Arquidiocese de Feira de Santana, com a articulação das Santas Missões Populares, mostrou como tais princípios podem orientar uma conversão pastoral concreta, superando a pastoral de conservação e promovendo uma Igreja em saída, missionária e socialmente comprometida.

Por fim, o princípio *advaita* e a Trindade cosmoteândrica em Raimon Panikkar ofereceram o fundamento teológico-ontológico que sustenta esse método. Ao pensar a realidade como teia de relações não-duais entre Deus, mundo e ser humano, o *advaita* impede tanto dualismos (Igreja vs. mundo, magistério vs. povo) quanto monismos indiferenciados, e inspira uma compreensão da sinodalidade como tradução eclesial dessa estrutura relacional do real. Em outras palavras, se a realidade é, em sua raiz, comunhão não-dual, o caminhar juntos não é apenas opção organizativa, mas exigência ontológica da fé cristã.

Como síntese final, pode-se dizer que este artigo, nascido de uma experiência formativa concreta, apresenta uma tese de fundo: a de que a renovação da teologia e da prática eclesial hoje passa por métodos sinodais que integrem *sensus fidei*, leitura dos sinais dos tempos, estruturas de participação, princípios metodológicos da *Evangelii Gaudium* e um horizonte teológico capaz de pensar Deus, mundo e humanidade em chave relacional. Nessa perspectiva, o seminário intensivo e o micro-sínodo não foram apenas “casos ilustrativos”, mas verdadeiros laboratórios de pesquisa aplicada, nos quais se ensaiam caminhos para uma teologia que nasce da fé vivida, se deixa interpelar pela história, discerne em comunhão e se orienta pela alegria do Evangelho e pela esperança de uma Igreja autenticamente sinodal.

Referências Bibliográficas

BAVARESCO, Agemir. *Sensus fidei*, sinais dos tempos, sinodalidade: mediações do método sinodal. *Revista de Cultura Teológica*, v. 35, n. 111, p. 82–103, 2025. DOI: 10.23925/rct.i34.72862.

BAVARESCO, Agemir; PINTO, Raphael C. Sociedades plurais, religião e princípios bipolares. *Sol Nascente*, Huambo (Angola), v. 7, p. 10–26, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/21245>. Acesso em: 2 ago. 2025.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Campanha da Fraternidade 2026*: texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2025.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *O sensus fidei na vida da Igreja*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20140610_sensus-fidei_po.html. Acesso em: 18 jul. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (A Igreja no mundo contemporâneo). *A Santa Sé*, Vaticano, 7 dez. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_pt.html. Acesso em: 24 jul. 2025.

DOCUMENTO DE APARECIDA. *V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

FRANCISCO. XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos: Para uma Igreja sinodal – comunhão, participação, missão. Documento final da segunda sessão (4 a 29 de outubro de 2024). Aprovado em seus 155 parágrafos em 26 out. 2024, durante a 17ª Congregação Geral. Vaticano: Secretaria Geral do Sínodo, 2024. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26_final-document/POR---Documento-finale.pdf. Acesso em: 18 jul. 2025.

FRANCISCO. Evangelii Gaudium: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. *A Santa Sé*, Vaticano, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 18 jul. 2025.

MOSCONI, Luís. *Santas missões populares para a missão permanente*. Belém/Pará: Editora ASMP, 2015.

PRIETO, Victorino Pérez. *Dios, Hombre, Mundo*. La Trinidad en Raimon Panikkar. Barcelona: Herder Editorial, 2008.

Editor Responsável: Waldir Souza

Recebido/Received: 01.12.2025 / 12.01.2025

Aprovado/Approved: 31.01.2026 / 01.31.2026